# Uma consciência, uma dificuldade - 03/03/2020

Até onde se sabe nós, humanos, somos os únicos seres que conhecemos que são  
autoconscientes. Por exemplo, o cachorro tem consciência, sente fome, frio e  
fica feliz. O cachorro tem as suas armas na luta pela sobrevivência. Porém,  
parece que ele não sabe que sabe disso. Ou talvez saiba, em uma escala bem  
menor do que a nossa. Já dos homens se diz que são animais racionais e tal  
afirmação aponta para a primazia da razão que vem calcada na consciência  
reflexiva  
  
O homo sapiens, que é o que somos, tem 350 mil anos[i] e seu cérebro  
desenvolvido remete à casa de milhares de anos. Uma bela evolução! Ou seria o  
cérebro (e seu produto ou sua cara metade a consciência) contra evolutivo?  
Bem, vejamos. A consciência não foi [ainda] definida, explicada quer seja pela  
ciência quer seja pela filosofia e mantem-se misteriosa. Desde Kant e sua  
terceira antinomia vemos o conflito da consciência com a natureza[ii].  
Diríamos que o que há de mais antinatural é a consciência!  
  
Falemos sobre a marca da morte. Vivemos sentindo a marca do tempo e buscando  
nossa conservação, mas não é só isso (já diria Rousseau[iii]). O cachorro  
também busca a sua conservação (foge quando há perigo, briga por comida,  
etc.), mas, provavelmente, só “lembra” que está em risco nesses momentos. Nós,  
humanos, podemos passar todo o tempo de nossa vida pensando na morte (nossa,  
dos entes queridos, etc.) ou mesmo forjar perigos fictícios que possam nos  
levar a uma morte nada iminente.  
  
Mais do que isso, ao mesmo que nos conservamos destruímos o planeta e os  
outros animais. Seria essa mente evoluída a responsável pela provável  
eliminação dela própria? A consciência (a mente, o cérebro, a alma, enfim..)  
se choca com o mundo, não entende o mundo. Ela é feita de outro material. Na  
dúvida, conforme Camus, o suicídio é uma saída (nada racional!). Pois essa  
consciência é a primeira dificuldade no estudo da Filosofia da Mente.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humano>, acesso em 03 de março de  
2020.  
  
[ii] Na verdade trata-se do conflito da liberdade com a natureza, mas aqui  
tomamos liberdade por consciência, conforme já explorado em:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/06/um-caminho-para-liberdade-em-  
kant.html>. “Kant separa a causalidade da natureza e a causalidade da  
liberdade, essa como faculdade de seus agentes, dos homens, ou seja, uma causa  
fora da série. Essa liberdade é uma liberdade transcendental, é uma ideia da  
razão que não vem da experiência.” Vê-se aqui a liberdade fora da natureza.  
Mais do que isso essa liberdade não passa de uma ideia!  
  
[iii] Aqui remetemos ao ensaio de Rousseau que parte de um estado fictício da  
humanidade em que o homem tinha um amor-de-si que se transforma em amor  
próprio, na medida em que o homem se socializa e quando surgem as paixões e os  
males da sociedade.